

Paisagem escrita

Regina Gouveia

Vereadora da Cultura do Município da Covilhã

Enquanto realidade socialmente cognitiva, Paisagem é escrita sempre inacabada, texto (re)inventado sobre uma narrativa anterior. Um modo de ver a materialidade concreta de um dado território, determinado por outros olhares que o antecederam, pelas conexões que ao longo do tempo se vão estabelecendo entre Cultura e Espaço, que não é apenas Natureza, mas também ambiente construído. Espaço natural progressivamente humanizado, logo escrita dinâmica, Terra marcada por diferentes civilizações, «Terra Transformada»¹.

Como impressão individual, a Paisagem é o olhar sem o qual não existe, escrita do lugar apreendido através da sensibilidade que permite sentir o concreto, num determinado contexto social e pessoal, mediante a relação do contemplador consigo mesmo, de um olhar interior que se cruza com o olhar exterior – e, assim, no mar manso pode um espírito inquieto nunca ver a paz, como Petrarca não viu na inacessível Montanha a grandeza que descobriu ser «da alma humana que conseguiu superar a mesquinhez das coisas materiais»².

As impressões de Paisagem originam, não raras vezes, representações, logo, escritas verbais e/ou de outras linguagens, submetendo um espaço, realidade exterior de um determinado tempo, à motivação e ao processo eidético do autor, em que intervêm a sua sensibilidade, sentido estético e estado de espírito, além das suas competências técnicas e artísticas, bem como às limitações da(s) modalidade(s) representativa(s) - literatura, fotografia, desenho e pintura, entre outras.

Ora, as próximas linhas serão dedicadas à literatura, ao notável autor covilhanense José Marmelo e Silva, que «nunca escreveu para vender livros», mas escreveu certamente «por um imperativo de responsabilidade humana ou social»³. Imperativo que o levou a questionar e a querer transformar as Paisagens que representou através da sua prosa, conciliando, ao longo da peregrinação que durou quase uma vida, a a sensibilidade ética

1. Título da obra de William Rudiman (versão em português, 2015), em que analisa o impacto significativo das atividades humanas no ambiente.

2. «Francesco Petrarca: A experiência fracassada da subida ao Mont Ventoux», analisado em Adriana Veríssimo, «A Experiência Metafísica da Montanha», primeiro artigo de *Stellae*.

3. Arnaldo Saraiva, *Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros* (2011), p. 127.

do Homem com a competência ideológica e estética do Artista. A escrita de José Marmelo e Silva, que José Saramago destacou, em 1962, como autor de «três das mais belas novelas que até hoje se publicaram em língua portuguesa», com «um estilo que não tem similar em Portugal»⁴ é, desde logo, fascinante por expressar um olhar profundo e crítico sobre a realidade que ficciona, nunca negligenciando a beleza poética. Sempre que contextualiza espaços e tempos, facilmente nos traz (ou leva para) esses mundos.

Talvez por ter nascido, a 7 de maio de 1911, no Paul, mais precisamente no Moinho das Lages, junto à Ribeira do Caia (ou do Paul), a escrita das suas impressões sobre a aldeia e as serras (Estrela e Gardunha) evidenciam uma ligação sensível, mas revelam igualmente o cuidado em mostrar ou tornar presentes esses contextos: «Na escrita, há que distinguir o informar do mostrar. Mais válido é o mostrar, tornar presente a quem lê. O segredo está, portanto, em reviver, ou viver pela 1.^a vez (se se trata de imaginação)...»⁵.

Ainda como estudante do Liceu em Castelo Branco, após uma experiência traumatizante de cinco anos no Seminário Menor do Fundão e alguns estudos numa escola da Covilhã, José Marmelo e Silva teve a sua estreia literária em livro com uma edição não declarada de autor que veio a renegar, O Homem que Abjurou a Sociedade – Crônicas do Amor e do Tempo. Neste, incorporava já a crítica social, num estilo particularmente inspirado em Eça e Aquilino:

A aldeola, a que um antigo couto dera origem, estava empoleirada mesmo no dorso dum monte árduo, como a querer abrigar-se dos ventos nórdicos – frios e cortantes.

A Serra da Estrela ficava perto, de picos alados e extáticos, arrebatante em sua grandeza majestosa; nela vinham as nuvens beber a alvura das neves, para, espaço fora, rendilharem o céu de Portugal.

Lá em baixo, amamentando lodeiros, ladeado de salgueirais, serpenteava de mansinho o Zêzere, remurmurando docemente ecos de toadas de rouxinóis e melros que, até ali, o saudaram de encostas e quebradas.»⁶

Com efeito, as obras seguintes de José Marmelo e Silva mantiveram o seu olhar questionador de realidades sociais, habilmente contextualizadas no tempo e no espaço, por vezes apoiando o desenrolar dramático e rápido da ação em mutações da Paisagem. Assim é visível na relação entre a primavera e a revelação de caráter do Adolescente Agrilhado, entre ambas as forças, da Natureza e a íntima, entre caminhos e golpes cicatrizados, ou torrentes/caminhos e pensamentos/rumos:

4. De um texto de José Saramago no Boletim de Estudos Cor, agosto de 1962, reproduzido na Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 112. As três novelas a que o Nobel da Literatura se referia: Sedução (1937), Depoimento (1939) e Adolescente (1948), depois Adolescente Agrilhado, a partir da 2.^a edição (1958).

5. Da Carta escrita por José Marmelo e Silva a seu filho Nelson em 26 de julho de 1979, reproduzida na Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 120.

6. José Marmelo e Silva, O Homem que Abjurou a Sociedade – Crônicas do Amor e do Tempo, Anadia, excerto publicado em O Raio, 1932, reproduzido na Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 11.

7. José Marmelo e Silva, *O Adolescente Agrilhado*, Arcádia, Lisboa (1958), p. 177.

8. Do prefácio à 3.^a edição de *Adolescente Agrilhado* (1967), reproduzido na *Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros*, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 110.

9. Excerto de uma entrevista a Maria Teresa Horta no jornal *A Capital*, 8/5/1968, reproduzido na *Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros*, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 127.

10. Apreciações de José Saramago à obra *Sedução*, de José Marmelo e Silva, reproduzidas na *Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros*, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 112.

11. «Francesco Petrarca – A experiência fracassada da subida ao Mont Ventoux», em Adriana Veríssimo, «A Experiência Metafísica da Montanha», primeiro artigo de Stellae.

12. Excerto de uma entrevista a José Correia Tavares no *Jornal de Artes e Letras*, 9/3/1966, reproduzido na *Fotobiografia de José Marmelo e Silva - Não escrevo para vender livros*, da autoria de Arnaldo Saraiva (2011), p. 13.

Agora é livre e anda pelos montes

Ainda que lentamente, as horas nebulosas dissipavam-se. Mais breves se foram tornando as noites do Inverno. Mais quentes os dias. Tudo o que era semente, na Natureza, rompia o seu invólucro de quietude e silêncio. Já os vales floriam. A mesma força íntima de recriação arrastava o adolescente para a vitória.»

E assim, à medida que as torrentes na montanha se iam tornando mais límpidas, como lapidadas pela luz da primavera, e os caminhos barrentos se descobriam, lembrando longos golpes cicatrizados, o adolescente clarificava também os seus pensamentos e traçava rumos definidos à sua vida⁷.

O desejo de transformação, protagonizado por Luís Miguel, o Adolescente Agrilhado, terá sempre subsistido em José Marmelo e Silva e nas suas obras, ancoradas, ainda que «diluidamente», às impressões que fora guardando, desde o termo da sua infância, de um mundo «essencialmente impiedoso e agressivo»⁸. Dada a «sobrecarga trucidante de trabalho profissional» como professor, tanto mais porque consciente do valor dessa sua missão («possua o homem educação antes de possuir dinheiro»), não escreveu muitos livros, mas escreveu para os escrever, porque quis merecer a sua «dignidade humana»⁹.

Colocou «delicadeza e finura inexcedíveis» em livros «de combate e indisciplinadores»¹⁰, em que fez a apologia de um mundo melhor, de uma paisagem escrita de liberdade e de libertação. O «lugar excelso» onde se situa «a vida feliz» que, tal como na peregrinação de Petrarca, terá estado sempre à vista como fim último e termo, enquanto percorrido «um caminho estreito» e penosamente marcado por «muitas colinas»¹¹:

... não se pretende insinuar que a minha ficção dê ao ambiente geográfico, e muito menos à paisagem, uma importância protuberante... No entanto, na aridez granítica, a miséria milenária, a resignação patética daquela gente humilde...- acutilaram sempre, na criança que eu fui, um desejo tenaz de superação. Das muralhas sobranceiras da Estrela e da Gardunha batia-me um apelo de longe, um desafio de inaceitação, um sarcasmo de fatalidade como que corpóreo e irresistível!»¹²

Ainda bem que a escrita, como a arte em geral, transcende a representação para denunciar, mesmo exigir transformações de que resultem paisagens reinventadas. Enquanto escrevia este texto, talvez por ter responsabilidades na área Cultural, e certamente inspirada pela obra de José Marmelo e Silva, desejei poder homenagear todos os artistas

que, através das suas narrativas estéticas e éticas de um determinado espaço e tempo social, de olhares críticos traduzidos em linguagens diversas, reivindicaram e impulsionaram mudanças positivas fundamentais, participaram na escrita de paisagens mais belas e melhores da nossa Cidade e do nosso Concelho. BEM-HAJAM!